

L

G

cartilha

B

T

I

+



INTRO- DUÇÃO

Questões de gênero e sexualidade ainda geram no público em geral muitos questionamentos. No intuito de educar e buscar transformar o nosso ambiente de trabalho num ambiente mais inclusivo, resolvemos promover a elaboração de uma cartilha sobre o tema. Estamos seguros de que o conhecimento é o primeiro passo para desconstruir preconceitos. Convidamos todas as pessoas a embarcar numa viagem de conhecimento sobre gênero e sexualidade. Que tal tentar colocar-se no lugar do outro? Vocês enxergarão o mundo por meio de outros espectros, gerando empatia para promover mudança.

Vladimir Miranda Abreu

SUMÁRIO

CONCEITOS BÁSICOS.....	4
SEXO BIOLÓGICO	4
GÊNERO, IDENTIDADE DE GÊNERO E EXPRESSÃO DE GÊNERO	5
ORIENTAÇÃO AFETIVO-SEXUAL.....	8
BISCOITO DO GÊNERO	10
MOVIMENTO LGBTI+	11
LÉSBICAS	17
GAYS.....	21
BISSEXUAIS	25
TRANS.....	29
POR QUE TENTAR ENTENDER?	31
QUANDO E COMO ACONTECE A ATRIBUIÇÃO DO GÊNERO?.....	32
AS IDENTIDADES TRANSGÊNERO	33
TABELA DAS IDENTIDADES DE GÊNERO	34
QUAL A DIFERENÇA ENTRE TRAVESTI E MULHER TRANSEXUAL?.....	35
TRAVESTI X MULHER TRANS X DRAG QUEEN.....	36
DESPATOLOGIZAÇÃO DAS VIVÊNCIAS TRANS	37
PROCESSO TRANSEXUALIZADOR	38
INTERSEXUAIS	41
MAIS.....	45
QUESTIONING OU QUEER	47
ORIENTAÇÕES DE COMPORTAMENTO E CONVIVÊNCIA	51
PARA SABER MAIS	55
FILMES.....	55
SÉRIES E MINISSÉRIES.....	56
LIVROS	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

CONCEITOS BÁSICOS

por Daniel Born Roman

Antes de explorar cada uma das letras que compõem a sigla LGBTI+, é importante alinhar conceitos básicos sobre a sexualidade humana e suas diferentes faces, como *sexo biológico*, *gênero* e *orientação sexual*. A partir daí ficará certamente mais fácil questionar mitos e preconceitos e entender quando alguém diz, por exemplo, que determinada pessoa é um *homem cis heterossexual* e que outra pessoa é uma *mulher trans lésbica*.

SEXO BIOLÓGICO

A definição do sexo biológico se dá de forma objetiva, de acordo com as características anatômicas e biológicas da pessoa (considerando, por exemplo, genitálias e aparelhos reprodutivos). Dessa forma, de modo simplificado, são enquadradas no sexo *feminino* as pessoas que nascem com vagina/vulva e no sexo *masculino* as pessoas que nascem com pênis. E quanto às pessoas que possuem ambos os sexos ou nenhum? A essas pessoas convencionou-se chamar de *intersexuais*. Assim, o sexo biológico pode ser dividido entre *sexo masculino*, *intersexo* e *sexo feminino*.

Até pouco tempo atrás, era muito comum ouvir chamar as pessoas intersexuais de *hermafroditas*. Esse termo, entretanto, não é mais aceito, pois, além de ser carregado de um intenso estigma social, está ligado unicamente ao dimorfismo dos órgãos reprodutores, que é apenas uma das cau-

sas para a intersexualidade. A literatura médica identifica diversas outras causas, que abrangem desde alterações cromossômicas ou outras formas de alterações genéticas até outras condições que afetam apenas partes específicas do corpo, como a ginecomastia (quando há o desenvolvimento das mamas de adolescentes do sexo masculino, que podem retornar ao tamanho anterior ou não).

Tradicionalmente, a escolha por um dos sexos era feita pelos pais e/ou pelos médicos responsáveis quando da identificação do nascimento de um bebê intersexo. Essa prática, entretanto, vem sofrendo duras críticas, sendo considerada uma forma de mutilação do corpo humano, dado que (i) assume como errada a intersexualidade e promove uma intervenção agressiva no corpo humano e (ii) o sexo escolhido à época do nascimento pode não corresponder ao seu gênero ou a outras características biológicas que se desenvolverão futuramente. Dessa forma, defende-se atualmente que as pessoas intersexuais tenham a liberdade de escolher o seu sexo, se assim o quiserem, quando tiverem amadurecimento suficiente para tanto, e que as intervenções cirúrgicas sejam feitas apenas de acordo com a sua vontade. Em alguns países, como no caso de Malta, já há leis que proíbem que médicos realizem qualquer tratamento ou intervenção cirúrgica de designação de sexo em pacientes menores de idade quando tal tratamento ou intervenção puder ser adiado até que a pessoa tratada possa dar seu consentimento informado.

Defende-se
atualmente
que as pessoas
intersexuais
tenham
a liberdade
de escolher
o seu sexo,
se assim
o quiserem,
quando tiverem
amadurecimento
suficiente
para tanto

GÊNERO, IDENTIDADE DE GÊNERO E EXPRESSÃO DE GÊNERO

Apesar de as sociedades modernas terem como costume definir as pessoas como “homens” ou “mulheres” de acordo com seu sexo biológico, as ciências sociais argumentam que o *gênero* é, na verdade, produto do contexto social e histórico no qual estão inseridas as pessoas e não da anatomia dos seus corpos. Assim, ser *homem* ou *mulher* é mais complexo do que ser do sexo masculino ou do sexo feminino, envolvendo diferentes

regras sociais de comportamento expressas e reproduzidas por meio dos padrões de gênero. É o que afirmava a escritora Simone de Beauvoir ao declarar que “não se nasce mulher, torna-se mulher”.

Sendo assim, *gênero* é o termo utilizado para designar determinado conjunto de características sociais e culturais atribuídas às percepções do que é habitualmente considerado masculino e feminino em uma determinada sociedade e em uma determinada época. É, portanto, uma construção social subjetiva, que varia no tempo e no espaço, e que é predominantemente *binária*, reconhecendo apenas a existência do homem e da mulher.

Sendo uma construção social, o gênero que é atribuído a uma determinada pessoa no seu nascimento lhe é imposto, baseado unicamente no sexo biológico do indivíduo. Se compreendido como uma experiência subjetiva de uma pessoa a respeito de si mesma, é possível haver conflito entre o gênero com o qual uma pessoa se identifica e o gênero que lhe foi imposto. É por isso que, neste contexto, surge a *identidade de gênero*, que diz respeito ao gênero com o qual determinada pessoa se identifica. Há quem se perceba como homem, como mulher, como ambos ou, ainda, contestando a lógica binária, aqueles que não se identificam com nenhum dos dois gêneros.

Dentro da questão de gênero e identidade de gênero, podemos classificar as seguintes situações:

PESSOA CISGÊNERO

Identifica-se com o mesmo gênero que lhe foi atribuído no nascimento (Exemplo: uma pessoa do sexo masculino que se percebe como homem é um *homem cis*). Da perspectiva social, política, científica e jurídica, uma pessoa cisgênero é vista como “alinhada” dentro de seu corpo e de seu gênero.

Gênero é o termo utilizado para designar determinado conjunto de características sociais e culturais atribuídas às percepções do que é habitualmente considerado masculino e feminino

PESSOA TRANSGÊNERO

Identifica-se com um gênero diferente daquele que lhe foi atribuído no nascimento (exemplo: uma pessoa do sexo masculino que se percebe como mulher é uma *mulher trans*). Por existir uma incompatibilidade do sexo biológico com o gênero, as pessoas trans costumam recorrer a tratamentos médicos que variam de terapias hormonais a procedimentos cirúrgicos de redesignação sexual. As pessoas trans também são muitas vezes chamadas de transexuais e/ou travestis. Entretanto, entende-se que o termo transgênero aplica-se tanto a transexuais quanto a travestis e evita a estigmatização, principalmente por contemplar o termo travesti, que, por questões históricas, é considerado pejorativo.

PESSOA AGÊNERA

Não se identifica com ou não se sente pertencente a nenhum gênero socialmente reconhecido. Exemplo: uma pessoa do sexo feminino que não se percebe como mulher, nem como homem.

PESSOA COM GÊNERO FLUIDO (GENDER FLUID)

Identifica-se com ambos os gêneros, independentemente do gênero que lhe foi atribuído no nascimento. Exemplo: uma pessoa do sexo masculino que em alguns momentos ou contextos sociais percebe-se como homem e, em outros, como mulher.

A expressão
de gênero
nada mais é
do que a forma
como a pessoa
se manifesta
em público
e em suas
relações
e interações
com outras
pessoas

Já a *expressão de gênero* diz respeito ao modo como uma pessoa expressa seu gênero em sociedade, o que inclui desde o uso de roupas e acessórios até questões físicas, como seus gestos, trejeitos, atitudes e até seu timbre de voz. Assim, a expressão de gênero nada mais é do que a forma como a pessoa se manifesta em público e em suas relações e interações com outras pessoas: como ela se veste, como corta o seu cabelo, como se comporta. A expressão de gênero de uma pessoa não necessariamente corresponderá ao seu sexo biológico, à sua orientação sexual ou até mes-

mo ao seu gênero, sendo uma escolha pessoal ligada ao seu bem-estar psicológico e emocional.

Em outras palavras, uma pessoa do sexo masculino que se percebe como homem pode expressar-se de uma forma considerada mais feminina, assim como uma pessoa do sexo feminino que se percebe como agênero pode expressar-se de uma forma considerada mais masculina. A expressão de gênero é, na verdade, a leitura que a sociedade faz de uma pessoa dentro do espectro socialmente construído, no qual em um extremo está a *mulher* e no outro está o *homem*, sendo o meio-termo denominado de *andrógino*.

ATENÇÃO

Não se deve confundir pessoas transgênero com pessoas cisgênero que em determinados momentos apresentam-se socialmente como pessoas do gênero oposto, como é o caso de *drag queens* ou *drag kings*. *Drag kings* são mulheres que se vestem com roupas masculinas e *drag queens* são homens que se vestem com roupas femininas para fins artísticos, normalmente envolvendo a criação de um personagem que atuará em diferentes performances.

ORIENTAÇÃO AFETIVO-SEXUAL

É a característica humana ligada à atração física e afetiva, considerando as práticas sexuais do ser humano, suas relações afetivas e seus objetos de desejo.

Ainda não há uma explicação sobre o que determina a orientação afetivo-sexual das pessoas. Diferentes teorias atribuem a determinação de tais características a questões genéticas, enquanto outras associam a fatores ambientais e culturais. Independentemente de qual seja a sua explicação, é possível afirmar algo com segurança: assim como ninguém *escolhe* ou *decide* ser heterossexual, nenhuma pessoa *escolhe* ou *decide* ser homossexual, bissexual, pansexual ou assexual. É por essa razão que não se deve falar em *opção sexual*, mas sim em *orientação afetivo-sexual*.

Assim como
ninguém escolhe
ou decide ser
heterossexual,
nenhuma
pessoa escolhe
ou decide ser
homossexual,
bissexual,
pansexual
ou assexual

A orientação afetivo-sexual de uma pessoa será sempre definida considerando o seu gênero e o gênero da pessoa com a qual ela se relaciona e/ou pela qual ela se sente atraída. De forma simplificada, as pessoas podem ser classificadas de acordo com a sua orientação afetivo-sexual entre:

HETEROSSEXUAL

Uma pessoa que sente atração por pessoas do gênero oposto. Exemplo: um homem que se sente atraído por mulheres ou uma mulher que se sente atraída por homens.

HOMOSSEXUAL

Quem sente atração por pessoas do mesmo gênero. Exemplo: um homem que se sente atraído por homens ou uma mulher que se sente atraída por mulheres.

BISSEXUAL

Quem sente atração por pessoas de mais de um gênero. Exemplo: um homem que se sente atraído por homens e mulheres ou uma mulher que se sente atraída por homens e mulheres.

PANSEXUAL

Quem sente atração por pessoas independentemente de seu gênero. Exemplo: um homem que se sente atraído por pessoas, desconsiderando seu gênero, ou uma mulher que se sente atraída por pessoas, desconsiderando seu gênero.

ASSEXUAL

São pessoas que não sentem atração sexual por outras pessoas, podendo ou não ter o desejo de desenvolver relações afetivo-sexuais.

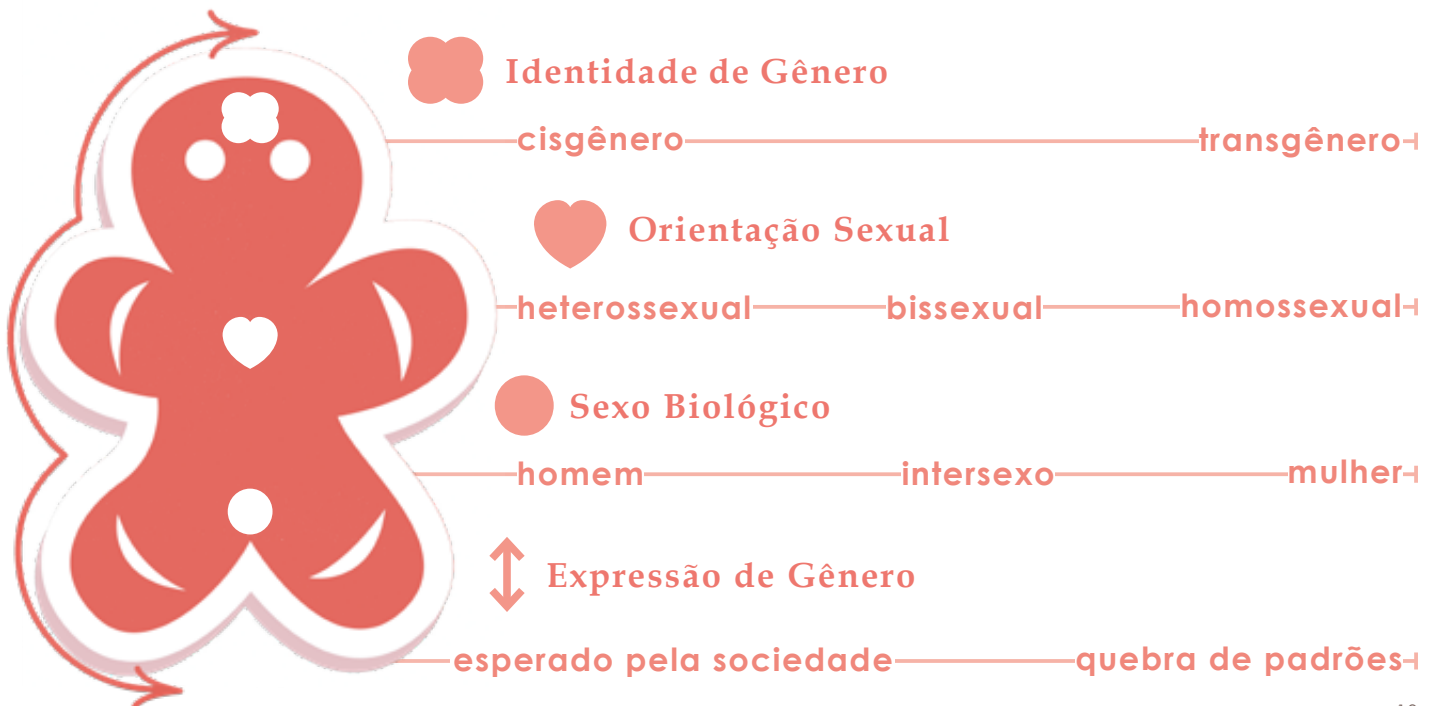
Assim como ocorre com o gênero, a sexualidade é uma característica culturalmente construída, distinguindo-se entre grupos e culturas diferentes, e pode apresentar variações que não estão abrangidas pelas

A orientação
afetivo-sexual
de uma pessoa
será sempre
definida
considerando
o seu gênero
e o gênero da
pessoa com
a qual ela se
relaciona e/ou
pela qual ela se
sente atraída

categorias descritas acima. Nas sociedades contemporâneas em geral, a heterossexualidade é vista como a prática “natural” e “normal”, sendo considerada a regra, donde se convencionou chamar a essas sociedades de *heteronormativas*, pois assumem como “anormais” ou “desviantes” todas as pessoas que fogem à regra da heterossexualidade.

Assim, nossa sociedade injustamente reprime as orientações sexuais desviantes do padrão heteronormativo e se esquece de que a homossexualidade sempre existiu no decorrer da história, além de estar presente na natureza, em outras espécies de mamíferos. Entretanto, apenas recentemente o debate sobre a orientação afetivo-sexual vem resultando em efeitos positivos para a diversidade sexual humana. Apenas em 17 de maio de 1990, a Organização Mundial de Saúde (OMS) decidiu retirar o “homossexualismo” da lista internacional de doenças. É por esta razão que o dia 17 de maio ficou marcado como o Dia Internacional contra a Homofobia e que não se deve falar em *homossexualismo*, mas em *homossexualidade*.

BISCOITO DO GÊNERO



MOVIMENTO LGBTI+

por Miguel Cavalcante Lopes



Iniciado na década de 1960 e tendo se expandido nos anos 1980 e 1990, o movimento LGBTI+ vem lutando há décadas contra violência e discriminação e a favor dos direitos de pessoas que não se amoldam à sociedade cisgênero e heteronormativa. O contexto atual tem demonstrado que esse tema merece importante destaque interno e externo aos limites das nações.

A história do movimento LGBTI+ tem como marco inicial os protestos realizados pelos clientes de um bar gay friendly norte-americano chamado Stonewall¹, situado na cidade de Nova York. Em 28 de junho de 1969, um grupo de jovens adultos frequentadores do bar se insurgiu contra os abusos e repressões da polícia. O movimento ganhou o apoio da população local, tomando maiores proporções, razão pela qual é considerado o ponto de partida do movimento LGBTI+.

Um ano depois, ocorreram em São Francisco, Los Angeles e Nova York marchas de celebração do aniversário de Stonewall e reivindicação de direitos, consideradas, atualmente, as primeiras paradas do orgulho LGBTI+ da história e o início da tradição que se seguiu.



Bandeira
LGBTI+

1 NAPPO, Meaghan K. **Not a quiet riot: Stonewall and the creation of lesbian, bisexual, gay, and transgender community and identity through public history techniques.** Disponível em: <<http://dl.uncw.edu/etd/2010-3/nappom/meaghannappo.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2019.



Genderqueer
e não binário



Mulheres
lésbicas



Bandeira
assexual



Intersexo



Bandeira
pansexual

Na década de 1980, com a aparição dos casos de AIDS, o movimento, ao invés de se enfraquecer por conta dos diversos discursos homofóbicos² que intitulavam a doença de *gay cancer*³ e atribuíam aos gays a culpa pela propagação do vírus, fortaleceu-se e aumentou a união e visibilidade do movimento que, à época, denominava-se movimento homossexual⁴.

O movimento homossexual brasileiro teve seu início marcado pela atuação de dois importantes agentes: o grupo SOMOS, de São Paulo, e o jornal *Lampião da Esquina*, editado no Rio de Janeiro. Ambos traziam propostas de transformação da sociedade, posicionavam-se contrariamente à hierarquia de gêneros e à repressão da sexualidade e apresentavam uma organização política alternativa, bem como buscavam conscientizar os indivíduos acerca da realidade apresentada por uma sociedade sexista, abrindo espaço em suas pautas para a manifestação da diversidade sexual.

Já no período de 1980, surgiram os grupos: Triângulo Rosa e Atobá, no Rio de Janeiro, e o Grupo Gay da Bahia. A atuação desses grupos era direcionada ao combate à discriminação contra homossexuais e sua estrutura era mais sólida e politicamente engajada, participando de discussões e exigindo mudanças, como a retirada da homossexualidade do Código de

2 TERTO JUNIOR, Veriano de Souza. **Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/AIDS**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832002000100008&script=sci_arttext&lng=pt. Acesso em: 16 mai. 2019.

3 DE OLIVEIRA, Denize Cristina. **Construção e transformação das representações sociais da AIDS e implicações para os cuidados de saúde**. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21nspe/pt_34.pdf. Acesso em: 16 mai. 2019.

4 “O então chamado ‘movimento homossexual’ nasceu no Brasil no final dos anos 1970 e transformou-se nos últimos anos em um dos movimentos sociais de maior expressão no país. Em 2008, os eventos de rua que celebram o Orgulho LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) ocorreram em todo o país, em aproximadamente 147 localidades.” In: FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. **De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no movimento LGBT brasileiro**.

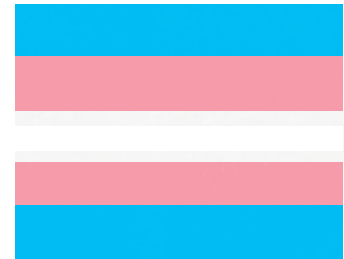
Classificação de Doenças do INAMPS⁵ e a demanda pela inclusão do termo “orientação sexual” na Constituição Federal, apesar de esta não ter sido atendida.

No final dos anos 1980, dentro do contexto da descoberta da AIDS, o movimento homossexual brasileiro se fortaleceu e realizou mobilizações contra a epidemia, demandando do poder público respostas à situação e propostas de solução para o cenário epidêmico que se instaurava, o que deu início a projetos de prevenção e combate à AIDS. Este momento ficou marcado pelo surgimento das Organizações Não Governamentais com principal foco nessas demandas e pela expansão do movimento pelo país.

A partir dos anos 1990, o movimento homossexual passou por uma segmentação em função do desejo de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais começarem a se organizar separadamente por terem vivências e necessidades diversas, fato que ensejou o surgimento de diversas siglas, culminando na aceitação majoritária, à época, da sigla LGBT, o que abriu espaço para a valorização e visibilidade de diversas identidades de gênero e orientações sexuais que não apenas a homossexual.

Em 1995, foi criada a ABGLT (Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais), que configura a maior rede de organizações LGBT da América Latina, sendo composta por mais de 280 organizações.

Atualmente, o movimento LGBT voltou a se reinventar e, na intenção de acompanhar as demandas atuais, alterou a sigla para LGBTI+, incorporando as pessoas intersexuais (representadas pela letra I), bem como as demais identidades em constante construção, que não se enquadram no sistema cis-hétero (representadas pelo símbolo “+”).



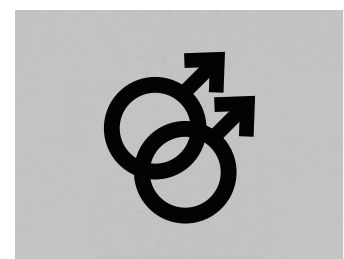
Bandeira
trans



Pessoas
transgênero



Bandeira
bissexual



Homens gays



Bandeira
intersexo

5 Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social.

Evolução da sigla:



O movimento LGBTI+ é múltiplo e vem ganhando espaço com conquistas históricas no Brasil – união estável homoafetiva, equiparação ao casamento, adoção por pessoas do mesmo sexo, realização do processo transexualizador pelo SUS, retificação do registro civil, etc. No entanto, ainda existe muito preconceito e as notícias de violência e violação de direitos são rotineiras.

Em razão disso, iniciativas de conscientização e combate à discriminação têm se mostrado ferramentas fundamentais para a superação da intolerância e do preconceito que muitas vezes estão pautados no desconhecimento e na falta de informação sobre o assunto. Este é o propósito da presente cartilha: um diálogo didático e informativo com o leitor para esclarecer questões e superar tabus.

5. Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexuais e +.
4. Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais;
3. Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais;
2. Gays, Lésbicas e Simpatizantes;
1. Movimento Homossexual Brasileiro;

Você sabia? Não é aconselhável se referir a alguém como "a travesti", "a transexual", "o trans", "o gay", "a lésbica"... Isso passa a ideia de que você está resumindo a pessoa àquela característica específica. Assim, não é indicado fazer isso, nem mesmo quando a pessoa é assumida publicamente. Opte por usar o nome da pessoa, o cargo, a equipe da qual ela faz parte. Existem várias formas, é só pensar: Como você se referiria a alguém cisgênero e heterossexual? "Aquela cis"? "O hétero"? Não! Então não faça o inverso. Em hipótese alguma utilize o termo "traveco" e seus derivados. É muito ofensivo.

LGBTI+

LÉSBICAS

por Daniela Guarita Jambor



A letra “L” representa a parcela de “lésbicas” da sigla LGBTI+. Há uma questão delicada quanto à forma como são chamadas as mulheres que gostam de mulheres. Ora são chamadas de lésbicas, ora são chamadas de mulheres gays e, finalmente, são chamadas de “sapatão”. Quanto ao último caso, a não ser que se trate de uma mulher com quem você tenha significativa intimidade e que se autodenomine de “sapatão”, não a chame assim, porque a palavra tem uma conotação pejorativa.

No que se refere à feminilidade de mulheres lésbicas, é necessário atentar que existem mulheres de todos os tipos, com os mais variados gostos e personalidades. Isso não quer dizer que há uma mulher que desempenhe o papel designado como “de homem” em uma relação amorosa. Brincadeiras de “quem é o homem da relação” ou “onde você estacionou o seu caminhão, moça” não são pertinentes e decorrem de preconceito enraizado em razão dos papéis sociais tradicionalmente atribuídos a cada sexo.

Mulheres lésbicas não procuram ou querem homens em seus relacionamentos. E, tampouco, querem ou precisam de ajuda para deixarem de ser homossexuais, já que, repise-se, não se trata de opção sexual, mas sim de orientação.

Você sabia?
Até o século XX, acreditava-se que as mulheres lésbicas eram uma espécie de lenda. Isso é só mais uma prova do quanto pouco as mulheres eram levadas em conta ou como a sexualidade da mulher era subjugada fora do casamento

Você sabia que, em certas partes da África do Sul, existe a prática do “estupro corretivo” de mulheres lésbicas? Trata-se do estupro cometido por um homem ou grupo de homens contra mulheres gays, a fim de corrigir a orientação sexual dessas mulheres. De acordo com pesquisas, esse crime ocorre com dez mulheres por semana¹, gerando traumas físicos e psicológicos relevantes. Pode-se dizer que a causa de tais crimes seria a visão social de submissão da mulher ao homem e de normatividade de determinados comportamentos considerados padrão para o sexo feminino.

Graças a essa visão, um dos maiores medos das mulheres lésbicas é justamente ser estuprada, razão pela qual inibem a demonstração de afeto em público. Nesse contexto, frequentemente reprimem seus comportamentos sociais, correndo o risco de somatizar o temor em problemas psicossomáticos ou psicológicos oriundos de estresse.

Outra causa de estresse é o bullying. O bullying homofóbico pode aparecer das mais diversas formas, como: agressão verbal (xingamento), fofoca e boato, exclusão da pessoa, cyberbullying, ameaças de morte, violência física e agressão sexual. Jovens LGBTI+, quando expostos a homofobia e/ou bullying homofóbico, estão mais propensos a ter problemas de saúde mental.

Lembre-se de que a homofobia e o bullying homofóbico não se limitam aos crimes extremos contra pessoas homossexuais. Existem maneiras bem sutis de homofobia que deixam rastros e traumas, ainda que pareçam “brincadeira”. Frases do tipo “que roupa/comportamento gay” ou a conclusão (equivocada) de que uma mulher que não se cuida e não se arruma como a sociedade usualmente entende como adequado é gay representam a estigmatização e manifestações de homofobia, lesbofobia ou bullying homofóbico.


¹ DAWSON, James. **Este livro é gay**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015, p. 70.

LGBTI+

GAYS

por Jackson de Freitas Ferreira





O “G” significa *gay*. Ainda que possa ser empregado para se referir, de modo mais abrangente, às pessoas que se sentem atraídas por outras do mesmo gênero, o termo *gay* comumente se refere aos homens homossexuais. Nesse sentido, os homens que se consideram gays sentem atração emocional, afetiva ou sexual por outros homens.

Como ocorre com toda orientação sexual, “gay” corresponde a uma condição pessoal independente da identidade de gênero. Portanto, um homem trans (que pode ter sido classificado como mulher no nascimento, em razão de suas características biológicas) pode perfeitamente considerar-se gay, na medida em que se sinta atraído por outros homens.

Ainda que a História retrate a presença constante da homossexualidade em diversas sociedades e épocas, até os dias de hoje **os gays são vítimas do preconceito e dos estereótipos que compõem a ideia de “masculinidade”**. A sociedade machista e heteronormativa (isto é, que impõe padrões de comportamento pautados na heterossexualidade) exige que homens se relacionem afetiva e sexualmente apenas com mulheres, e também que manifestem preferências e comportamentos entendidos como “masculinos” desde a infância.

É assim que se cultivam ideias como a de que meninos vestem azul, e de supervalorização da competitividade masculina, admitindo até mesmo a agressividade, em algumas circunstâncias. Como consequência, meninos que gostam da cor rosa, que dançam balé ou fazem teatro, entre outros, sofrem a opressão de uma sociedade (e inclusive da própria família) que tende a reprová-los e a taxar seu comportamento como “gay”, numa conotação negativa e preconceituosa.

Nem todos os meninos que têm preferências e comportamentos que não se encaixam nos estereótipos heteronormativos são gays. Igualmente, nem todos os meninos que se encaixam nos padrões ditos “masculinos” são heterossexuais. Numa sociedade opressora, os meninos que são gays, ou seja, os que possuem orientação afetivo-sexual homossexual, terão passado por uma repressão injusta e extremamente nociva para o seu desenvolvimento pessoal (inclusive sexual, emocional, entre outros), além de social.

Diante da *homofobia* – entendida de modo amplo como o preconceito, a discriminação e até mesmo a violência contra as pessoas homossexuais – manifestada em casa, na escola, no trabalho, na rua e até mesmo na mídia, muitos gays levam anos da vida adulta, chegando até mesmo à terceira idade, antes de aceitarem a si mesmos ou de se assumirem para outras pessoas. Não raro, acabam por apresentar quadros depressivos e, tragicamente, até cometer suicídio.

Não há
“opção”
por ser
gay, assim
como não
há “opção”
por ser
heterossexual


É urgente que as pessoas compreendam que a orientação sexual não é uma escolha, e sim uma condição natural. **Não há “opção” por ser gay, assim como não há “opção” por ser heterossexual.** Como consequência, não existe “cura gay”, pois ser gay não é doença, não havendo do que se curar. Da mesma forma, não existe “incitação” à homossexualidade – não se pode influenciar ninguém a ser gay, e muito menos tornar ou “converter” alguém em gay.

LGBTI+

BISSEXUAIS

por Jackson de Freitas Ferreira





Por sua vez, a letra “B” significa *bissexual*. As pessoas que se consideram bissexuais sentem atração emocional, afetiva ou sexual por pessoas de mais de um gênero. A bissexualidade também é uma orientação sexual.

Apesar de a História revelar a abundância de experiências bissexuais, como, por exemplo, na Grécia Antiga, ainda há muitos mitos rodeando a bissexualidade. Ao desconhecimento sobre essa orientação sexual infelizmente se alia o preconceito, e assim vemos diversas formas de discriminação contra bissexuais em colocações como “mas se um homem se relaciona com os dois sexos ele não é gay?”, ou “homem bissexual não seria um ‘gay que não saiu do armário’?”; e “mulheres bissexuais não seriam apenas ‘aventureiras’, mas que preferem homens?”. E assim por diante. Referências como essas refletem o preconceito de uma sociedade heteronormativa e revelam a *bifobia* – o preconceito contra a condição bissexual de uma pessoa. Infelizmente, a bifobia é perceptível até mesmo dentro da comunidade LGBTI+, que também tem dificuldade em compreender ou aceitar que a fluidez da sexualidade de algumas pessoas de fato lhes permite envolver-se afetiva ou sexualmente com mais de um gênero, e não apenas com o mesmo gênero, não se tratando de algo duvidoso, instável, ou ainda por se definir. Por isso, combater a bifobia é especialmente importante.

Em primeiro lugar, a **bissexualidade existe**, uma vez que os seres humanos podem, em diferentes graus, ou mesmo momentos da vida, atrair-se e apaixonar-se por mais de um gênero. A ideia de não poder se relacionar com mais de um gênero revela uma opressão capaz de privar as pessoas de experiências que lhes são naturais.

Em segundo lugar, **a atração por mais de um gênero pode se manifestar em formas e intensidades diferentes, e mesmo em fases diferentes da vida.** É perfeitamente normal atrair-se sexualmente mais por determinado gênero, e ter um maior envolvimento emocional, por exemplo, com alguém de outro gênero. A “atração”, em sentido amplo, é bastante fluida, e ninguém pode ser discriminado por experimentar relacionamentos de características e expressões diferentes com pessoas de diferentes gêneros.

Assim, por exemplo, é bissexual (se ele assim se identificar) um homem que costuma ter um envolvimento sexual maior com outros homens, mas também se apaixona por mulheres ou envolve-se emocionalmente com elas. Ele não é um gay “no armário” e não importa a ninguém se algum dia ele terá ou não uma preferência por qualquer gênero específico. Até porque, na fluidez da sexualidade, pode haver momentos da vida em que um ou outro gênero tenha a predominância, ou em que mais de um gênero componha igualmente seu leque de experiências.

Nesse sentido, não se deve rotular alguém bissexual como uma pessoa com “dúvida” sobre sua sexualidade, ou como alguém que está apenas em uma “fase” que logo deve passar, quando ela se “decidirá” por um gênero ou outro. Não existe dúvida porque não existe escolha, uma vez que orientação sexual não é uma opção, e sim uma condição natural e perfeitamente normal das pessoas. Também não cabem piadas ou termos inapropriados como se referir a bissexuais como “gilete” ou dizer que têm “o melhor dos dois mundos” (oi?).

Pretender questionar a bissexualidade de alguém, de modo a estabelecer rótulos e expectativas quanto ao “como”, “quando” ou “por que” a sexualidade de alguém deve ou não se manifestar, é uma forma de opressão e tutela da sexualidade alheia que não encontra lugar numa sociedade democrática e inclusiva. O amor e a sexualidade são fluidos e vivenciados de forma individual pelas pessoas, não cabendo a ninguém limitá-los.

A atração por mais de um gênero pode se manifestar em formas e intensidades diferentes, e mesmo em diferentes fases da vida

LGBTI+

TRANS

por Miguel Cavalcante Lopes





A letra “T” significa “transgênero”¹. Mas o que isso significa e a quem se refere o termo “transgênero”? Para entender o seu significado, vale a pena analisar a construção da palavra. Por um lado, transgênero pode ser entendida como aquela pessoa que transcende as delimitações de gênero normalizadas pela sociedade a partir da ótica cis-heteronormativa², de modo que, em outras palavras, a pessoa transgênero não se sente pertencente ao gênero que a sociedade atribuiu a *elx*³ e por isso atravessa as barreiras do gênero atribuído.

Por outro, os termos cis e trans encontram origem na química orgânica, mais especificamente na isomeria geométrica, em que os isômeros são denominados cis quando os ligantes estão no mesmo lado do plano e trans quando estão em lados opostos.

1 Por vezes está duplicada, triplicada ou acompanhada de um asterisco, justamente para ressaltar que não diz respeito apenas a travestis ou a transexuais.

2 **Cis-heteronorma** é a regra que a sociedade tenta nos impor, baseada na combinação da identidade de gênero e da orientação sexual mais aceitas. Representa aquelas pessoas que se identificam com o gênero atribuído e se relacionam com pessoas do sexo oposto.

3 Você sabia que a utilização do “x” ou “e” no final dos pronomes e adjetivos biformes serve para contemplar homens, mulheres e pessoas não binárias? É uma forma de tentar adequar a língua portuguesa à fluidez e diversidade das identidades de gênero. Exemplo: **Elx** é não binária**e**. **Elx** é linda**e**.

Cis ou **Cisgênero** são pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído e se adequam às delimitações de gênero que lhes são impostas. Por isso, não sentem a necessidade de transcendê-las. Nesse sentido, o gênero imposto e a identidade de gênero estão no mesmo “plano”.

Trans ou **Transgênero** são pessoas que não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído e, por isso, sentem a necessidade de transcender as delimitações de gênero que lhes são impostas. Ou seja, o gênero imposto e a identidade de gênero não estão no mesmo “plano”⁴.

POR QUE TENTAR ENTENDER?

A vivência de pessoa trans ainda é pouco conhecida. Mesmo dentro da comunidade LGBTI+, poucas pessoas cisgênero conhecem os termos, as dificuldades, os símbolos, a realidade e os problemas cotidianamente experimentados pela comunidade transgênero.

Pessoas trans são minoria e parecem ser algo novo, **apesar de não serem**, por isso a resistência em aprender, ouvir e respeitar se mostra muito grande.

Apesar disso, pouco se fala abertamente no assunto e ainda existe muito preconceito, intolerância e falta de informação, cenário que leva a violações de direitos cotidianos e muita violência.

É recorrente ouvir pessoas dizendo que transgêneros são “confusos”, “loucos” e “anormais”, que mulheres trans não são “mulheres de verdade”, que “lugar de travesti é na esquina” e que homens trans são “maria-macho”.

A expulsão de casa na infância/adolescência, as altas taxas de evasão escolar e a dificuldade de se inserir no mercado

Lili Elbe, em 1930, foi uma das primeiras mulheres trans a passar pela cirurgia de redesignação sexual

4 Não podemos afirmar que estão em lados opostos 100% das vezes porque existem pessoas transgênero que não se identificam com o gênero masculino nem feminino ou que se identificam com os dois – pessoas não binárias, agênero, gênero fluido e bigender.

de trabalho por conta da transfobia desenham o triste e alarmante cenário vivido pela maioria das pessoas trans no Brasil, onde a expectativa de vida dessa população é de apenas 35 anos⁵, enquanto a expectativa de vida para homens cis é de 72 e para mulheres cis é de 79 anos⁶.

A empatia, a ação de se colocar no lugar do outro e mudar a ótica de compreensão sobre determinadas situações, é o melhor caminho para evitar atitudes que geram sofrimento e constrangimento, incentivam a violência transfóbica e perpetuam a marginalização de pessoas trans.

QUANDO E COMO ACONTECE A ATRIBUIÇÃO DO GÊNERO?

Em regra, a atribuição do gênero é conhecida como o momento da “descoberta do sexo do bebê”, seja durante a gestação, seja no nascimento da criança.

Os critérios adotados para designar o sexo do indivíduo são de caráter estritamente médico-científico e costumam estar pautados na análise de aspectos físicos (aparentes ou não)⁷ que levam à categorização dos corpos em macho ou fêmea.

Assim, antes mesmo de a pessoa nascer, já se atribui a ela um sexo associado a um gênero (masculino-homem

5 **Reduzida por homicídios, a expectativa de vida de um transexual no Brasil é de apenas 35 anos.** Disponível em: <<https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2018/01/reduzida-por-homicidios-expectativa-de-vida-de-um-transexual-no-brasil-e-de-apenas-35-anos.html>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

6 **Expectativa de vida dos brasileiros aumentou, diz IBGE.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/11/29/expectativa-de-vida-dos-brasileiros-aumentou-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

7 No processo de construção da definição do sexo biológico do bebê passamos por três tipos de categorias do sexo biológico: **i)** sexo genético – que utiliza como critério de diferenciação a formação genética XX ou XY; **ii)** sexo gonático – que utiliza como critério de diferenciação a presença de testículos ou ovários; **iii)** sexo somático – que utiliza como critério de diferenciação a estrutura da genitália. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18434/18434_3.PDF>. Acesso em: 17 mai. 2019.

João Nery
foi o primeiro
homem trans
operado
no Brasil de que
se tem notícia.
Ele começou
sua transição
em 1976

e feminino-mulher)⁸. Esta é a noção de normalidade construída que leva à marginalização, ao preconceito e à violação de direitos dos indivíduos considerados “anormais”.

O médico informa o sexo do bebê já vinculando a determinado gênero – “é menino” ou “é menina” – e, a partir deste momento, a sociedade já lhe impõe papéis de gênero⁹.

AS IDENTIDADES TRANSGÊNERO

Transgênero é um termo “guarda-chuva” capaz de abarcar várias identidades de gênero diferentes. Entre as mais conhecidas hoje temos **transexual** e **travesti**, além de outras que abordaremos, brevemente, a seguir.

TRANSEXUAL

A identidade transexual engloba: mulheres trans; homens trans; bigênero; gênero fluido; não binários, entre outras¹⁰.

8 Você sabia? “Por volta do século XVI e XVII, a mulher era considerada um homem invertido e inferior, uma vez que seus órgãos reprodutores possuíam uma anatomia que lembrava os órgãos masculinos, levando a sociedade a ter um pensamento de que a mulher era um homem imperfeito. Ainda de acordo com os autores, quando o clitóris foi então descoberto, o mesmo recebeu o nome de pênis da fêmea.” “Nesse sentido, ressaltamos a ideia de se pensar o conceito de sexo biológico por um viés também social, uma vez que a sociedade construiu aspectos ideológicos e valores associados à presença das genitálias, mais especificamente, da genitália masculina, já que essa era referência de poder.” Disponível em: <<http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3178.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2019. Percebe-se, portanto, que a associação, hoje tida como lógica, de que homens têm pênis e mulheres têm vagina nem sempre foi assim, revelando a ingerência do senso comum da sociedade de cada época.

9 Podemos perceber isso nos “chás de revelação”, muito recorrentes hoje em dia, nos quais a família descobre e informa a sociedade sobre o sexo do bebê, sendo a cor rosa destinada para meninas e a cor azul para meninos.

10 A abertura para o debate sobre o assunto e a superação das compreensões limitadoras a respeito de gênero que a sociedade nos impõe possibilitam que as pessoas possam viver de forma mais livre e genuína e se definir (ou não) de acordo com suas vivências e seus processos individuais de autoconhecimento, o que leva à criação de novas identidades e termos a todo momento. Podemos perceber isso a partir de notícias como **Nova York agora reconhece 31 tipos de gênero**. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2016/06/nova-york-agora-reconhece-31-diferentes-tipos-de-genero/>>. Acesso em: 17 mai. 2019. E **Facebook agora permite que usuário escolha 17 identidades de gênero**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/03/1596932-facebook-agora-permite-que-usuario-escolha-17-identidades-de-genero.shtml>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

Você sabia?
O Brasil lidera o ranking de países que mais matam pessoas trans no mundo

TABELA DAS IDENTIDADES DE GÊNERO

Identidades de Gênero	MULHERES TRANS	HOMENS TRANS	BIGÊNERO E GÊNERO FLUIDO	NÃO BINÁRIOS	TRAVESTIS (conforme detalhado em tópico próprio)
Gestação e Nascimento (Gênero Atribuído)	Masculino	Feminino	Feminino ou Masculino	Feminino ou Masculino	Masculino
Vivência e Autopercepção (Identidade de Gênero)	Feminina	Masculina	Feminina e Masculina	Nem Feminina, Nem Masculina	Feminina

É muito importante deixar claro que não existe uma vivência padrão para pessoas trans e que as experiências de cada pessoa são diversas podendo apresentar muitas ou poucas convergências.

QUAL A DIFERENÇA ENTRE TRAVESTI E MULHER TRANSEXUAL?

Primeiramente, cumpre ressaltar que o termo “transgênero” abarca ambas as identidades. Portanto, ao se referir a alguém sem ter certeza se a pessoa se identifica e apresenta socialmente como transexual ou travesti, é melhor utilizar o termo transgênero, para evitar equívocos e situações de desconforto.

Como se percebe pelo quadro explicativo anterior, travestis e mulheres transexuais têm o mesmo gênero atribuído na gestação/nascimento (masculino) e a mesma autopercepção (feminina)¹¹.

Muitas pessoas questionam o que diferencia uma identidade da outra, mas não existe um “critério basilar”. A opção por tratamento hormonal e intervenções cirúrgicas, ou não, depende da vontade/necessidade de cada pessoa e isso não é determinante para definir se uma pessoa é travesti ou mulher trans.

Acontece que a terminologia “travesti”¹² foi historicamente vinculada a algo pejorativo, e travestis eram tratadas como uma “subcategoria” de ser humano, vistas, exclusivamente, como profissionais do sexo¹³.

Você sabia?
Pessoas trans
podem fazer
o tratamento
hormonal e as
cirurgias de
readequação
sexual pelo SUS

11 Vale mencionar que a identidade travesti, em razão da busca pela superação da marginalização, vem sendo assumida por pessoas que fogem a essa regra, como não binárias e gênero fluido, e até mesmo algumas pessoas às quais foi atribuído o gênero feminino no nascimento e que se identificaram como homens ao longo da vida. Ou seja, majoritariamente, as travestis partem do mesmo gênero atribuído e autopercepção que as mulheres transexuais, mas essa não é uma regra.

12 Você sabia? Não se deve chamar de “traveco”, nem tratar travestis no masculino. É ofensivo e muito desrespeitoso. AS travestis, sim! OS travestis, não!

13 “A nossa sociedade tem estigmatizado fortemente as travestis, que sofrem com a dificuldade de serem empregadas; mesmo que tenham qualificação, elas acabam, em sua maioria, sendo forçadas a trabalhar como

Por um lado, há quem diga que a identidade “mulher transexual” é uma higienização da identidade “travesti”, uma vez que travestis foram muito marginalizadas (e ainda são), e as pessoas não querem sofrer com esses estigmas e estereótipos.

Por outro, muitas pessoas hoje se colocam como travestis por uma questão ideológica e de resistência, objetivando a superação dessas compreensões preconceituosas e limitadoras que foram construídas há tantas décadas sobre travestis.

Portanto, só dá para saber se uma pessoa é transexual ou travesti a partir de autodeclaração, ou seja, da forma como ela se apresentar e como ela se colocar perante a sociedade.

TRAVESTI X MULHER TRANS X DRAG QUEEN

Há a atual ascensão de *drag queens* na cena artística brasileira. Mas o que é, afinal, uma *drag queen*¹⁴?

Diferentemente da comunidade transgênero, as *drag queens* não têm uma identidade de gênero diversa da que lhe foi atribuída no nascimento, são homens cis-gênero que se montam de *drag queens*¹⁵.

profissionais do sexo. Entretanto, nem toda travesti é profissional do sexo”. Disponível em: <https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTA%C3%87%-C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989>. Acesso em: 17 mai. 2019.

14 “A diferença entre transformistas e drag queens refere-se ao fato de que essas últimas não têm a preocupação das transformistas em “parecer mulher”. A maquiagem é carregada, a roupa exagerada, com altas plataformas, cabelos coloridos etc.”. Disponível em: <<https://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel3/JulianaJaime.pdf>> Acesso em: 17 mai. 2019

15 A “montação” consiste na transformação do homem cis em sua drag e envolve uma maquiagem carregada, com tons fortes, que tenta alterar a estrutura do rosto da pessoa para se aproximar mais de um rosto feminino. Além disso, na “montação”, geralmente, utilizam-se perucas, saltos e roupas extravagantes e de tons vibrantes, mas isso não é uma regra.

Você sabia?

O termo “drag queen” se aproxima mais dos termos “transformista” e “crossdresser”, mais utilizados antigamente, ainda que algumas diferenças também existam entre eles

Não existe um consenso sobre o que significa “fazer *drag*”, mas o entendimento mais aceito hoje é de que se trata de uma forma de arte e a *drag queen* representaria a exaltação da feminilidade, repleta de exageros e baseada em divas do cinema, música, moda, etc.

Não confunda! O artista por trás da *drag* é um homem¹⁶ e deve ser tratado no masculino quando estiver “desmontado” ou “fora da *drag*”. Quando estiver “montado”, deverá ser tratado pelo seu nome de *drag* e no feminino. Exemplo: O Daniel é o artista por trás da *drag queen* Glória.

DESPATOLOGIZAÇÃO DAS VIVÊNCIAS TRANS

Em 17 de maio de 1990, a Organização Mundial da Saúde retirou a homossexualidade da lista internacional de doenças. Essa medida representou uma conquista importante na luta por direitos dos homossexuais, pelo reconhecimento da existência de seus relacionamentos e de suas famílias, e no combate à ideia de que a homossexualidade é algo que precisa ser tratado e/ou curado, seja por meios científicos, seja por meios religiosos, como ocorreu durante vários séculos e ainda ocorre em alguns países e regiões.

A transexualidade, por sua vez, ainda consta no Código Internacional de Doenças (CID 10) sob os códigos F640, F641, F642, F648 e F649 com a denominação “Transexualismo”, “Travestismo bivalente”, “Transtorno de identidade sexual na infância”, “Outros transtornos da identidade sexual” e “Transtorno não especificado da identidade sexual”, respectivamente¹⁷.

16 Mulheres cis também podem se “montar” de drag queen, ou de drag king. Drag king é o oposto de drag queen: no geral são mulheres cis que se caracterizam com roupas masculinas, fazem maquiagens com barbas falsas e adotam uma postura mais masculinizada, incorporando uma persona de masculinidade estereotipada.

17 CID 10. Disponível em: <<https://www.cid10.com.br/buscacode?query=f64>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

Não confunda!
O artista por
trás da drag
é um homem
e deve ser
tratado no
masculino
quando estiver
“desmontado”
ou “fora
da drag”

Em 18 de junho de 2018, contudo, a OMS declarou que irá remover a transexualidade do rol de doenças mentais. Hoje consta como “transtorno de identidade sexual” no CID 10 e passará para a categoria de condições relativas à saúde sexual, como “incongruência de gênero”¹⁸ no CID 11, que entrará em vigor em 2022.

Há um dilema entre a estigmatização da transexualidade, por constar no catálogo de doenças, e a necessidade de inclusão no rol de CID como uma estratégia necessária para garantir o atendimento de algumas demandas necessárias à população trans pelos planos de saúde e pelo SUS. Assim, ainda que os debates perpetuem, há de se reconhecer que a mudança de 18 de junho de 2018 é um avanço.

Assim, para evitar a perda dos poucos direitos que hoje já são garantidos à população trans, a retirada definitiva da transexualidade do CID deve ser precedida de um arcabouço legislativo que garanta a realização de procedimentos inerentes ao “processo transexualizador” e demais direitos dessa parcela da população.

PROCESSO TRANSEXUALIZADOR

É o atendimento especializado voltado às demandas de pessoas transgênero.

Por vezes, o indivíduo que sente disforia manifesta a vontade de transformar seu corpo por meio de intervenções médicas na intenção de adequá-lo à sua

¹⁸ OMS tira transexualidade de nova versão de lista de doenças mentais. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2018/06/oms-tira-transexualidade-de-nova-versao-de-lista-de-doencas-mentais.shtml>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

¹⁹ Saiba mais sobre o conceito e as possíveis manifestações da disforia de gênero. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/19706c-GP - Disforia de Genero.pdf>. e <<http://www.tdahmente.com/wp-content/uploads/2018/08/Manual-Diagn%C3%B3stico-e-Estat%C3%ADstico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

Você sabe o que é disforia de gênero¹⁹?
Disforia de gênero é o desconforto ou sofrimento causados pela incompatibilidade do gênero atribuído à pessoa com o gênero com que a pessoa se identifica

Transição / Transicionar

É o período vivenciado por pessoas trans ao se “assumirem”, ou seja, se autodeclararem de acordo com sua identidade de gênero. Pode envolver mudanças de documentos e alterações corporais, ou não. O importante é que você respeite as vontades da pessoa, o pronome e o nome da preferência dela

identidade e a uma representação mais fiel de sua autopercepção.

Nesse sentido, as opções que se apresentam de forma mais recorrente são os procedimentos cirúrgicos (implantes de silicone, cirurgia de redesignação sexual, mamoplastia masculinizadora, entre outros) e a hormonoterapia²⁰.

A opção por esses procedimentos depende da necessidade e/ou vontade de cada um. Fazer essas transformações não é critério essencial para reconhecer a identidade de gênero de alguém. Nenhuma pessoa transgênero é obrigada a cumprir requisitos para ser tratada de acordo com o gênero com o qual se identifica.

A **transição**, portanto, não depende dessas medidas e pode ser feita exclusivamente pela autodeclaração da pessoa perante a sociedade.

²⁰ Os centros de atendimento do SUS são, em geral, denominados “Ambulatório Trans” ou “Ambulatório do processo transexualizador” e ainda não existem em todos os estados do Brasil. Além disso, o tratamento hormonal e as cirurgias dependem de acompanhamento de uma equipe multiprofissional e da espera na fila, que pode demorar anos; por isso algumas pessoas optam pelos planos de saúde.

LGBTI+

INTERSEXUAIS

por Miguel Cavalcante Lopes



A letra “I” se refere à pessoa intersexual ou intersexo. Primeiramente, importa ressaltar que a intersexualidade não é uma orientação sexual, nem identidade de gênero.

As pessoas intersexuais ou intersexo, segundo estimativa da OMS¹, representam 1% da população mundial. Apesar disso, pouco se conhece e discute sobre as vivências e demandas dessa população.

Resumidamente, pessoas intersexo são as que nascem com um corpo que não se adequa perfeitamente às concepções médicas sobre sexo masculino ou feminino². Em razão disso, são submetidas a intervenções médicas (cirúrgicas e/ou farmacológicas) para moldar seus corpos de acordo com uma das categorias sexuais existentes no sistema binário (macho-fêmea).

O que costuma ocorrer é que a equipe médica identifica características conflitantes com o sexo masculino e feminino e faz um juízo de valor para decidir em qual das categorias o indivíduo deverá ser classificado. Depois disso, comunica aos pais sobre a situação e sugere um curso de

1 **Sou intersexual, não hermafrodita.** Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/17/estilo/1474075855_705641.html. Acesso em: 17 mai. 2019.

2 Em alguns casos menos recorrentes, as pessoas se descobrem intersexo ao longo da vida, na puberdade ou na idade adulta, ao se deparar com situações de infertilidade, por exemplo.

tratamento que, geralmente, envolve uma cirurgia chamada “normalizadora” e tratamento hormonal pelo resto da vida.

O pretexto, por vezes utilizado, é a intenção de evitar tumores e doenças, mas o principal motivo, indubitavelmente, é definir a pessoa intersexo por meio da categorização binária (feminino ou masculino).

Essa postura “normalizante” é muito criticada por alguns ativistas, os quais afirmam que os médicos agem como “produtores do gênero”, que tentam “corrigir problemas sociais” pautados nas definições de normalidade e anormalidade contemporâneas, inconformados com a manifestação clara da impossibilidade de definir biologicamente o sexo – a existência de pessoas intersexo.

Assim, devido à referida postura, os pais e médicos tomam a decisão (irreversível) de “adequar” as pessoas ao sexo masculino ou feminino. Contudo, alguns ativistas da causa intersexo se posicionam contrariamente a essa conduta e reivindicam a “autonomia quanto à decisão sobre a realização da cirurgia e escolha do sexo” e “são contrários à intervenção cirúrgica em neonatos e crianças pequenas”, sem se opor, contudo, à opção da pessoa por um dos sexos no decorrer da vida e à realização das intervenções médicas que deseje.

A esse respeito, a APA (Associação Americana de Psicologia) entende que “em geral não é medicamente necessária a imediata realização de cirurgia [na genitália] de modo a torná-la reconhecidamente masculina ou feminina”³.

Você sabia?
O termo
“hermafrodita”
não é
adequado
para falar
de pessoas
intersexo.
É ultrapassado
e considerado
ofensivo

3 **Intersexualidade: entre saberes e intervenções.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v34n1/1678-4464-csp-34-01-e00000217.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2019.

LGBTI+



MAIS

por Miguel Cavalcante Lopes
e Daniel Born Roman



A sigla utilizada nesta cartilha, em razão de sua relevância e ampla utilização no âmbito nacional e internacional, é LGBTI+. Conforme explicado no capítulo 2, inicialmente o principal foco do movimento era a liberdade sexual e os relacionamentos homossexuais – “movimento homossexual” e GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes.

Com o tempo, outras pessoas que se sentiam parte da comunidade foram reivindicando seu espaço, reconhecimento e representatividade, buscando meios para sua voz e suas demandas específicas serem ouvidas, o que levou a constantes adaptações da sigla, até chegar à atual LGBTI+.

Nesse contexto, a utilização do “+” é justamente uma tentativa de proporcionar uma maior inclusão das múltiplas vivências que compõem a comunidade sem precisar incorporar as letras de cada uma das orientações sexuais e identidades de gênero, o que faria a sigla se tornar muito longa¹.

¹ Um bom exemplo disso é a proposta de adaptação da sigla para LGB-TQQICAPF2K+, que não foi bem recebida por pessoas da própria comunidade LGBTI+. Leia a notícia disponível em: <<https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2018/06/29/alguns-ativistas-querem-mudar-a-sigla-lgbtq-para-lgbtqicap-f2k-entenda.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

É importante ressaltar que outras compreensões sobre orientações sexuais e identidades de gênero surgem todos os dias, o que deve ser considerado um fato positivo, pois isso representa a conscientização sobre o tema e a liberdade que vem sendo alcançada para assumir e expressar a sexualidade, a afetividade e o gênero da forma mais genuína possível. Mas, ao mesmo tempo, torna quase impossível a abrangência de todas as orientações, identidades e vivências existentes pelas letras da sigla.

O “+”, portanto, surge como uma solução para abraçar toda e qualquer vivência que não está inserida no padrão cisgênero e heterossexual². A seguir daremos especial atenção para algumas dessas vivências:

QUESTIONING OU QUEER

O termo *questioning* ou *queer* serve para identificar as pessoas que, à sua maneira, questionam os padrões de gênero e/ou de sexualidade.

O termo *queer*, utilizado como sinônimo de “esquisito” ou “estranho”, surgiu no século XIX como uma referência pejorativa a quaisquer questões relacionadas a minorias que não se enquadrassem nos padrões cisgênero e/ou heterossexuais. A partir dos anos 1980, entretanto, esse termo foi reapropriado de modo provocativo pelo próprio movimento LGBTI+ em sua luta pelo reconhecimento de sua dignidade e de seus direitos.

A frase de ordem “We’re here. We’re queer. Get used to it.” passou a fazer parte dos protestos nos Estados Unidos e deu origem à Queer Nation, uma organização norte-americana responsável por muitas das manifestações pelos direitos LGBTI+ nos anos 1990. É

2 “O + está ali para pessoas não-cis que não se consideram trans, e por todas as outras orientações que não são hétero. (...) Existem múltiplas possibilidades de orientações, e não é prático incluir cada uma na sigla”. **O que significa LGBTQIAP.** Disponível em: <<https://orientando.org/o-que-significa-lgbtqiap/>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

O termo *questioning* ou *queer* serve para identificar as pessoas que, à sua maneira, questionam os padrões de gênero e/ou de sexualidade

por essa origem histórica que algumas pessoas ainda leem o termo *queer* de maneira pejorativa, preferindo utilizar a expressão *questioning*.

Com a evolução dos estudos sobre sexualidade e gênero e o avanço nas conquistas dos direitos da população LGBTI+, principalmente das pessoas gays, lésbicas e bissexuais, o termo *queer* passou a ser utilizado, a partir dos anos 2000, como um guarda-chuva para designar as pessoas cujas identidades de gênero e de orientações afetivo-sexuais não necessariamente se enquadram nos padrões binários (homem ou mulher) e do espectro homo-heterossexual. Assim como questionam os padrões binários, as pessoas que se identificam como *queer* também questionam as orientações sexuais socialmente reconhecidas, argumentando que os termos “lésbica”, “gay” e “bissexual” são formas de restringir a amplitude e a vivência da sexualidade humana.

Os estudos *queer* passaram a apresentar teorias que se opõem ao binarismo e à normatividade heterossexual e homossexual, dando origem a movimentos artísticos e grupos culturais e políticos como formas de expressão *queer*.

Se gênero é uma construção social, ser *queer* é, portanto, questionar esses padrões vigentes e socialmente construídos de feminino e masculino e os estereótipos de gênero a eles ligados, como “menina veste rosa e menino veste azul” e “você nasce homem ou mulher”.

Na essência, a cultura *queer* defende que cada pessoa deve ser o que quiser e que está tudo bem se aquilo que ela é não se enquadra em uma determinada categoria pré-definida. É com base nisso, por exemplo, que algumas pessoas e empresas, no Brasil e no mundo, têm adotado a prática de sempre questionar como a pessoa gostaria de ser referida quando a conhecem (se por ela, ele, elx).

Se gênero
é uma
construção
social, ser
queer é,
portanto,
questionar
esses padrões
vigentes

Conforme explicado no capítulo 6 (Letra T), existe hoje uma grande diversidade de identidades de gênero. Para exemplificá-las temos: (i) o sentimento de não pertencimento a nenhum gênero, denominada identidade **agênero**; e (ii) a identidade originária da cultura apache (indígena norte-americana) denominada **two-spirit**, a qual parte do entendimento de que a pessoa nasceu com os espíritos masculino e feminino.

Quanto às orientações sexuais que não constam da sigla, temos: (i) **pansexual/panromântic@** é a pessoa que sente atração sexual e/ou tem interesse romântico por qualquer sexo e identidade de gênero. Vale ressaltar que há quem entenda que a pansexualidade seria uma orientação inserida no conceito de bissexualidade; (ii) **assexual/arromântic@** é a pessoa que não sente atração sexual e/ou não tem interesse romântico por ninguém; (iii) **demissexual/demirromântic@** é uma pessoa que se aproxima do conceito de assexual/arromântico, mas diferencia-se pela possibilidade de desenvolver atração sexual ou interesse romântico por alguém em razão de uma compatibilidade de interesses, convivência próxima e forte conexão intelectual ou emocional; entre várias outras³.

Tentar conceituar todas as variações e conexões entre as identidades e orientações existentes seria contraproducente e esvaziaria a utilização do símbolo “+”

Tentar conceituar todas as variações e conexões entre as identidades e orientações existentes seria contraproducente e esvaziaria a utilização do símbolo “+”. Portanto, o que importa é deixar claro que esse símbolo faz parte da sigla para demonstrar a existência de outras vivências que não são aquelas constantes das letras LGBTI.

3 **Demi. Orientando: um espaço de aprendizagem.**

Disponível em: <<https://orientando.org/listas/lista-de-orientacoes/demi/>>.

Acesso em: 17 mai. 2019.



ORIENTAÇÕES

ORIENTAÇÕES DE COMPORTAMENTO E CONVIVÊNCIA

por Daniel Born Roman, Daniela Guarita
Jambor, Jackson de Freitas Ferreira
e Miguel Cavalcante Lopes



Todos nós
possuímos
questões
particulares
a serem
resolvidas

Primeiro, há uma importante questão relacionada à orientação de comportamento: não pode haver confusão entre liberdade de expressão, que é garantida em nossa Constituição Federal, e abuso do poder da palavra. Isso significaria disseminação de palavras de ódio e de termos pejorativos, homofobia, bullying homofóbico, lesbofóbico, transfóbico, entre outros.

No tratamento de pessoas LGBTI+, há de ser considerado o contexto de vida da pessoa (que, muitas vezes, não é público). Isto é, não se sabe o que a pessoa está passando em sua vida particular, se mantém uma comunicação aberta com seus familiares, se seus familiares sabem ou não de sua orientação sexual, etc. Enfim, vale lembrar que todos nós possuímos questões particulares a serem resolvidas.

Ainda que uma pessoa próxima a você seja publicamente LGBTI+, isso não lhe dá o direito de esclarecer todas as suas curiosidades sobre assuntos íntimos e pessoais da vida dela. Antes de perguntar alguma coisa a essa pessoa, pense se você se sentiria confortável para responder a essas perguntas.

(Dica: Não pergunte sobre a vida sexual de ninguém, muito menos sobre procedimentos cirúrgicos que a pessoa pretende fazer).

Jamais pergunte para um casal lésbico quem é “o homem da relação”, nem para um casal gay quem é “a mulher da relação”. Essa é uma forma ofensiva de tentar encaixar o relacionamento de um casal homossexual em padrões heterossexuais.

Não reproduza discursos transfóbicos. Evite associações de órgãos genitais a um gênero. Existem mulheres com pênis e homens com vagina e não há nada de errado nisso.

Não fale de travestis como se fossem inferiores, jamais use termos historicamente utilizados de forma pejorativa como “traveco”, “trava”, “travecona” e similares, nem as trate no masculino.

Ao conhecer uma nova pessoa, esforce-se para evitar fazer suposições sobre ela e sobre sua orientação sexual e/ou identidade de gênero, principalmente se o seu contato se dá por meios eletrônicos. Na dúvida, tente identificar como a pessoa se refere a si mesma ou pergunte diretamente, de maneira respeitosa.

Se uma pessoa do seu círculo social se declarar trans, respeite o pronome e nome de sua preferência e não ponha em dúvida a identidade de gênero dela. O processo de se assumir já é suficientemente doloroso e repleto de receios sobre como a sociedade irá lidar com a situação.

Não faça piadinhas que associem identidade de gênero/orientação sexual a algo pejorativo.

Não use expressões como “viado”, “bicha” e “sapatão” em tom de brincadeira e não chame pessoas LGBTI+ dessa forma, ainda que elas sejam assumidas publicamente. Existem pessoas que não se importam, mas a maioria pode se sentir ofendida, principalmente no ambiente de trabalho.

Não reforce nem seja conivente com comportamentos discriminatórios, seja contra pessoas LGBTI+, seja contra pessoas negras, mulheres, PcDs, etc. Se presenciar qualquer forma de discriminação em nosso escritório, denuncie imediatamente o comportamento por meio do Canal de Ética, disponível na intranet.

Não faça piadinhas que associem identidade de gênero/orientação sexual a algo pejorativo

Considere adotar em seu discurso escrito e falado formas de neutralização do gênero na linguagem. Uma sugestão é substituir, quando possível, o “eles” por “as pessoas”. Por exemplo: em vez de dizer “os profissionais que trabalham em nosso escritório” diga “as pessoas que trabalham em nosso escritório”.

Seja um aliado da causa, ajude a disseminar o respeito e a tolerância. Ninguém precisa ser LGBTI+ para se colocar contra atitudes de preconceito e desrespeito.

Compreender as pessoas e suas diferentes realidades é um processo de aprendizado e, como tal, acontece de modo gradativo. Dessa maneira, muito provavelmente você cometerá erros ao longo da adaptação. Pare, pense, reconheça o erro e, se for o caso, peça desculpas.

Por fim, é importante ressaltar que ninguém é melhor do que outra pessoa por seu sexo biológico, gênero ou orientação afetivo-sexual – todas as pessoas têm o seu valor como seres humanos, e como tal devem ser aceitas e respeitadas. Diante da intolerância ainda muito presente na sociedade e até no meio político, é importante que as pessoas se posicionem contrariamente a discursos que legitimam preconceitos. Não sejamos neutros. Não sejamos coniventes com atitudes discriminatórias e que pioram a vida dos nossos semelhantes. **Somos todos iguais.**

PARA SABER MAIS

Para saber mais sobre o assunto e conhecer variadas produções artísticas e personalidades LGBTI+ relevantes no Brasil e no mundo, selecionamos algumas referências de filmes, séries, minisséries e livros. Aproveite!

FILMES

A MORTE E VIDA DE MARSHA P. JOHNSON (2017)

Documentário que explora a misteriosa morte de Marsha P. Johnson, ativista negra e transgênero que participou dos primeiros protestos do movimento LGBT nos Estados Unidos.

ALÉM DA FRONTEIRA (2012)

Filme que acompanha o romance vivido entre um homem palestino e um homem israelense em meio ao conflito entre Israel e Palestina.

COM AMOR, SIMON (2018)

Comédia romântica que relata o processo de descoberta e aceitação de um jovem menino gay e o momento de se assumir para a própria família.

FLORES RARAS (2013)

Baseado no livro *Flores Raras e Banalíssimas*, de Carmen L. Oliveira, retrata a história real vivida entre a escritora norte-americana Elizabeth Bishop e a arquiteta-paisagista e urbanista brasileira Lota de Macedo Soares na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, durante os anos 1950.

GAROTA DINAMARQUESA (2015)

Retrata a vida da pintora Lili Elbe, considerada a primeira a pessoa a passar pela cirurgia de redesignação de sexo.

HOJE EU QUERO VOLTAR SOZINHO (2014)

Mostra o surgimento da relação entre Leonardo, um adolescente com deficiência visual, e Gabriel, novo estudante de sua escola.

LAERTE-SE (2017)

Documentário que acompanha a cartunista Laerte Coutinho e sua apresentação como mulher após décadas vivendo como homem.



Com
Amor, Simon
(2018)

MILK - A VOZ DA IGUALDADE (2008)

Conta a história do primeiro homem abertamente gay a ser eleito para um cargo público de importância nos Estados Unidos e retrata o surgimento do movimento social e político pelos direitos LGBT.

ORAÇÕES PARA BOBBY (2009)

Drama baseado na história real de Bobby Griffith, um jovem homem gay atormentado pelo fanatismo religioso e pela homofobia da própria mãe.

PRISCILLA - A RAINHA DO DESERTO (1994)

Filme australiano que relata a jornada de uma mulher trans e duas drag queens a bordo do ônibus Priscilla no deserto da Austrália.

TRANSAMÉRICA (2005)

Retrata o drama vivido por uma mulher trans que descobre que tem um filho adolescente às vésperas de sua cirurgia de redesignação sexual.

TUDO SOBRE MINHA MÃE (1999)

Acompanha a trajetória do aspirante a escritor Esteban, que tenta descobrir a identidade de seu pai entre os segredos mantidos pela mãe.

SÉRIES E MINISSÉRIES**ANGELS IN AMERICA (2003)**

Minissérie baseada na peça teatral homônima, que acompanha a vida de seis personagens diferentes durante o surgimento da epidemia da AIDS nos anos 1980.

RUPAUL'S DRAG RACE (2009-ATUALMENTE)

Reality show de competição entre drag queens, envolvendo desfiles e performances no palco para escolher a nova rainha das drag queens norte-americanas.

THE L WORD (2004-2009)

Série que acompanha a rotina de um grupo de mulheres que envolve lésbicas, bissexuais e transexuais.



Milk – A Voz da Igualdade (2008)

QUEER EYE (2018-ATUALMENTE)

Reality show que acompanha grupo de cinco homens gays que usam seus conhecimentos para ajudar diferentes pessoas.



Azul É a Cor Mais Quente, de Julie Maroh

TRANSPARENT (2014-2017)

Tem como foco a vida da família Pfefferman após o patriarca da família declarar que é, na verdade, uma mulher trans.

LIVROS

AZUL É A COR MAIS QUENTE, DE JULIE MAROH

A partir da leitura do diário da jovem Clementine, acompanhamos a descoberta sexual e o desenvolvimento de uma relação com outra jovem mulher.

DEVISSOS NO PARAÍSO: A HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL, DA COLÔNIA À ATUALIDADE, DE JOÃO SILVÉRIO TREVISAN

Obra que aborda a evolução da cultura e da população LGBT brasileira ao longo da história do país.

ME CHAME PELO SEU NOME, DE ANDRÉ ACIMAN

Conta a história de um jovem italiano que se apaixona por um norte-americano que se hospeda na casa de sua família por uma curta temporada.

ONDE ANDARÁ DULCE VEIGA?, DE CAIO FERNANDO ABREU

Romance policial que conta a história de um jornalista atravessando o submundo da vida noturna entre os anos 1980 e 1990, marcados pela epidemia da AIDS.



Onde Andará Dulce Veiga?, de Caio Fernando Abreu

VIAGEM SOLITÁRIA: MEMÓRIAS DE UM TRANSEXUAL 30 ANOS DEPOIS, JOÃO W. NERY

Narra a história de João W. Nery, considerado um dos primeiros homens trans do Brasil, começando em sua infância e avançando sobre a sua jornada de descobrimento, afirmação e paternidade.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIMBI, Bruno. *O fim do armário: lésbicas, gays, bissexuais e trans no século XXI.* São Paulo: Editora Garamond, 2018.

DAWSON, James. *Este livro é gay.* São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

DE OLIVEIRA, Denize Cristina. *Construção e transformação das representações sociais da AIDS e implicações para os cuidados de saúde.* Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v21nspe/pt_34.pdf>. Acesso em: 16 mai. 2019.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. *De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no movimento LGBT brasileiro.*

NAPPO, Meaghan K. *Not a quiet riot: Stonewall and the creation of lesbian, bisexual, gay, and transgender community and identity through public history techniques.* Disponível em: <<http://dl.uncw.edu/etd/2010-3/nappom/meaghannappo.pdf>>. Acesso em: 16 mai. 2019.

REIS, T. (org.) *Manual de comunicação LGBTI+.* Curitiba: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2018.

TERTO JUNIOR, Veriano de Souza. *Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/AIDS.* Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832002000100008&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 16 mai. 2019.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.* 4ª ed. rev., atual. e amp. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

CID 10. Disponível em: <<https://www.cid10.com.br/buscacode?-query=f64>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

Expectativa de vida dos brasileiros aumentou, diz IBGE. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/11/29/expectativa-de-vida-dos-brasileiros-aumentou-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

Facebook agora permite que usuário escolha 17 identidades de gênero. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/03/1596932-facebook-agora-permite-que-usuario-escolha-17-identidades-de-genero.shtml>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

Intersexualidade: entre saberes e intervenções. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v34n1/1678-4464-csp-34-01-e00000217.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

Reduzida por homicídios, a expectativa de vida de um transexual no Brasil é de apenas 35 anos. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2018/01/reduzida-por-homicidios-expectativa-de-vida-de-um-transexual-no-brasil-e-de-apenas-35-anos.html>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

Sou intersexual, não hermafrodita. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/17/estilo/1474075855_705641.html>. Acesso em: 17 mai. 2019.

Violência contra mulheres lésbicas, bis e trans. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-contra-mulheres-lesbicas-bis-e-trans/>>. Acesso em: 17 mai. 2019.

Sobre a cartilha



Esta cartilha foi elaborada por colaboradores de TozziniFreire, em junho de 2019. A ideia nasceu no contexto das reuniões do TFAffinity, grupo de afinidade criado no escritório para discutir as questões LGBTI+. O grupo, ao lado de outras iniciativas, faz parte do programa TFInclusão, que consolida as ações sociais de TozziniFreire por meio de três pilares – TFDiversidade, TFPro Bono e TFSocial – com o propósito de fazer do Direito uma ferramenta de inclusão.

Sobre TozziniFreire

Somos um escritório com atuação em 47 áreas do Direito Empresarial, que oferece uma estrutura diferenciada com grupos setoriais e desks internacionais formados por advogados considerados experts pelo mercado e pelos principais guias nacionais e internacionais.

Desde sua fundação, em 1976, TozziniFreire tem desempenhado um papel central em muitas das transações mais significativas do mercado brasileiro, contribuindo para o crescimento da economia local e tornando-se um dos maiores e mais respeitados escritórios de advocacia do Brasil.

**TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.
É PROIBIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL
DESTE CONTEÚDO SEM A AUTORIZAÇÃO
EXPRESSA DE TOZZINIFREIRE ADVOGADOS.**